

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 29)

Serra do Pilar, 25 outubro 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. **Ámen!**

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29).

R. **E desça sobre nós a tua bênção.**

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!**

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos
(6,6b/12)

Jesus percorria as aldeias vizinhas a ensinar. Chamou então a si os Doze e começou a mandá-los em missão, dois a dois. Deu-lhes poder sobre o espírito do mal e ordenou-lhes que não levassem nada para o caminho, a não ser, apenas, um cajado: nem pão, nem saco, nem dinheiro. E acrescentou: *Não leveis duas túnicas.* Disse-lhes mais: *Quando entrardes nalguma casa, permaneei nela até partirdes. E se, em alguma cidade, não vos receberem nem escutarem, quando sairdes, sacudi o pó dos vossos pés como testemunho contra eles.* Eles partiram a pregar a conversão; expulsavam muitos demónios, ungiam com óleo numerosos doentes e curavam-nos.

Salmo 48 - Sião, cidade de Deus

Caminharei na terra dos vivos, na presença do Senhor!

Grande é o Senhor e digno de todo o louvor
na sua morada santa!
O monte Sião, alegria de toda a terra
é a cidade do grande rei!

No interior das suas muralhas,
Deus garantiu-me um lugar seguro.
Os (outros) reis coligaram-se
e, juntos, atacaram a cidade.

Mas mal a viram ficaram aterrados,
perturbados, puseram-se em fuga.
Deixaram-se tomar pelo medo,
uma angústia de mulher que dá à luz,

uma espécie de vento leste
que destroça aos navios de Tárzis.
Mas assim vimos a cidade do nosso Deus,
uma cidade defendida para sempre!

No interior do teu templo,
meditamos na tua graça, ó Deus!
Tal como o teu nome
espalha-se o teu louvor pela terra inteira.

A tua mão direita espalha a justiça,
O monte de Sião alegra-se,
as cidades de Judá exultam
porque as tuas decisões são justas.

Dai a volta a Sião e contai-lhe as suas torres
Examinai as muralhas e vede os seus palácios:
contareis aos vindouros que é este o nosso Deus
e o nosso guia pelos séculos sem fim!

Glória a Deus, Senhor do Tempo,
e ao seu Filho que o viveu;
Glória ao Espírito que nos inspira
pelos séculos dos séculos!

Viver com Jesus

O que é que a gente poderia pensar daquele grupo tão peculiar de pessoas que acompanhavam Jesus na sua vida de profeta itinerante? Com que objectivo os teria convidado? Tencionaria ele ensinar-lhes uma doutrina nova a fim de a difundirem por todo Israel? Mas, neste caso, é estranho que não tivesse escolhido pessoas mais cultas, em vez daqueles pescadores e camponeses ignorantes. Por que razão exigia deles uma adesão tão absoluta e incondicional? Não estaria ele a preparar uma "guerra santa" contra Roma? Mas, para isso, era um grupo demasiado insignificante. Quereria fundar uma comunidade pura e santa, semelhante à que os essénios tinham constituído no deserto de Qumran? Mas, neste caso, que fariam naquele grupo mulheres, como Maria de Magdala ou cobradores de impostos, como Levi?

A imagem de Jesus rodeado de discípulos podia fazer lembrar outros mestres do seu tempo. O próprio Flávio Josefo aludiria mais tarde a ele: como "um homem sábio" que era

"mestre daqueles que aceitavam com prazer verdade e que atraía muitos judeus e gentios". Mas, os seus conterrâneos nunca o confundiram com nenhum mestre da lei. É certo que a gente o tratava por *rab.o* Mas, por volta dos anos trinta, esse título tinha um sentido genérico de "senhor" e usava-se como uma maneira respeitosa de se dirigir a alguém de grande prestígio. Só depois do ano 70 se começou a empregar para designar os "rabinos" que ensinavam a Torá aos seus discípulos. Entretanto, no grupo acontecia uma coisa impensável entre os rabinos: ele não estava formado exclusivamente por homens, admitia também mulheres. Para mais, não tinham sido eles a pedir admissão numa escola. Fora Jesus que os tinha arrancado de suas casas para o acompanharem a partilhar com ele o serviço do reino de Deus.

Além de tudo, o ambiente que se vivia à sua volta não era o de uma escola rabínica. Jesus não os chamara para estudarem a lei nem para aprenderem de cor as tradições religiosas. Não se dedicavam ao estudo minucioso dos inumeráveis preceitos e normas. Não estavam ali para serem um dia mestres em Israel, com a perícia necessária para ditarem ao Povo os caminhos da lei. A relação que havia entre eles e Jesus não era uma relação académica, como a que existe entre alunos e mestre. Era um vínculo pessoal com alguém que os ia iniciando no projecto de Deus. Jesus também não lhes falava como um rabino que expunha a lei, mas como um profeta cheio de Deus. O objectivo deles não era atingirem um dia a posição honorável dos rabinos, mas a de partilharem o destino inseguro e até perigoso de Jesus. A especialidade deles não era a de aprenderem as ideias defendidas por um mestre, mas a de "seguirem" a Jesus e viverem com ele o acolhimento do reino de Deus.

Aquele grupo estranho também não se assemelhava às grandes escolas da Grécia, onde sábios como Pitágoras,

Sócrates, Platão e Aristóteles ensinavam aos seus discípulos a sabedoria. O seguimento de Jesus estava muito longe da procura da verdade que se cultivava entre os filósofos gregos. Provavelmente, o seu estilo de vida itinerante, o seu modo de vestir e a sua vida contestatária, à margem da sociedade, assemelhava-os a certos filósofos cínicos que, ao que parece, eram conhecidos em Gádara e em outras regiões envolventes da Palestina, no tempo de Jesus. Aquilo que, primeiramente chamava a atenção nos cínicos era o seu aspecto sujo e descuidado. As únicas coisas que neles chamava a atenção eram uma capa gasta que deixava ver o seu braço nu, uma bolsa e um cajado. Caminhavam de pés descalços, como os mendigos, e dormiam no chão duro. Podiam ver-se nas praças públicas das cidades ou ao pé das termas.

A sua atitude anti-social era intencional. O cínicos eram um movimento marginal e contestatário contra as instituições e valores daquela sociedade que eles consideravam podre. Riam-se da autoridade, do poder, do matrimónio, da família e da propriedade. Gabavam-se de não precisarem de nada nem de ninguém para serem felizes. A liberdade era o bem supremo a que aspiravam. Libertos de todo o apego, não se sentiam escravos de ninguém, mas autênticos reis. São famosas as palavras de Epicteto, um cínico posterior a Jesus (50-130):

"Olhai para mim! Não tenho cidade, nem casa, nem bens, nem sequer um escravo. Durmo no chão, não tenho esposa nem filhos, nem palácio. Só tenho o céu, a terra e uma capa já gasta. Mas, faltar-me-á alguma coisa? Não vivo sem sofrer? Não vivo sem medos? Não sou livre?... Que atitude tomo perante aqueles que vós temeis ou admirais? Não os trato como escravos? Quem me vir, não estará a pensar que vê o seu rei e o seu senhor?"

Essa liberdade total e absoluta levava-os a agir provocadora

e desavergonhadamente. Para eles, só contavam as leis da natureza, nunca as da sociedade.

Não sabemos se Jesus e os seus discípulos tiveram conhecimento dos filósofos cínicos. Provavelmente, nunca ouviram falar deles. Existiam, contudo, alguns traços comuns, mormente no teor da vida itinerante, na sua mensagem contestatária e no modo de vestir, que exprimiam plasticamente a sua atitude face aquela sociedade. De resto, este grupo rural da Galileia pouco tinha a ver com o fenómeno urbano dos cínicos nas cidades helénicas. Os objectivos e a motivação de fundo eram completamente distintos. A bolsa que levava cada cínico com as suas parcas provisões era símbolo da sua independência individualista. Ao contrário, Jesus, desejava formar uma família, e por isso, pedia aos seus discípulos que prescindissem do saco e recorressem, antes, à hospitalidade das aldeias. Enquanto os cínicos assentavam a sua auto-suficiência numa vida simples, Jesus ensinava os seus a confiarem no amor providencial de Deus e no acolhimento mútuo entre os irmãos. Por outro lado não era possível encontrar no seu grupo qualquer indício de desprezo para com os outros, nem o insulto grosseiro nem as acções indecentes tão características dos cínicos. Os gestos de Jesus eram os de um profeta que desejava curar a doença, extirpar o mal e comunicar a todos a proximidade de Deus. Era esta a diferença radical: enquanto os cínicos viviam de acordo com a natureza à procura da liberdade, Jesus e os seus discípulos viviam no acolhimento do reino de Deus a proclamar o seu amor e a sua justiça.

O que se respirava ao pé de Jesus era fora do normal, qualquer coisa verdadeiramente única. A sua presença enchia tudo. Era o centro. O mais importante era a pessoa, a sua vida plena, o mistério do profeta que vivia para curar, para acolher, para perdoar, para libertar do mal, para amar

apaixonadamente as pessoas mais qualquer lei, e para anunciar a todos que o Deus que estava a irromper nas suas vidas, era amor inexplicável, e só amor. Aprendiam tudo de Jesus. Nele, podiam aperceber-se de como era uma vida totalmente dedicada ao reino de Deus. Viam como ele confiava num Deus bom, Pai de todos e amigo da vida. Com ele, aprenderam a oração do Pai-Nosso, que repetiam todos os dias à mesa, à vista de gente de todas as classes sociais que a eles se juntavam pelo caminho. Ouviam com atenção as parábolas que lhes ia contando nas aldeias, incentivando a todos a descobrirem um mundo novo. Ficavam surpreendidos vendo como ele despertava a fé nos doentes para os curar das suas moléstias. Admiravam-se ao comprovarem com os seus olhos o seu poder para expulsar os demónios e normalizar as suas vidas desfeitas pelo mal. Contemplavam-no cheio do Espírito de Deus.

Com ele, iam aprendendo a entender e a viver a vida de outra maneira. Apercebiam-se da ternura com que acolhia os mais humildes e desprotegidos. Enchiam-se de emoção ao observarem como ele se comovia diante da desgraça e do sofrimento dos doentes. Com ele, aprendiam a tocar aqueles leprosos e leprosas que ninguém ousava tocar. Inflammavam-se com a sua paixão na defesa da dignidade de todos, e com a sua liberdade para fazer o bem. Eram testemunhas de como iam aumentando as tensões e os conflitos com alguns sectores rigoristas. Mas nada nem ninguém podia deter o Mestre, quando era preciso defender os humilhados. Impressionava-os o acolhimento tão amigável que ele dispensava a tanta gente vítima do pecado. Com ele, iam aprendendo a sentar-se à mesa com gente indesejável, com mulheres de vida duvidosa e com pecadores esquecidos da Aliança. Era invejável a sua paixão pela verdade, aquela capacidade que Jesus tinha de ir até ao fundo das coisas, por cima de teorias e legalismos falaciosos.

Custou-lhes acostumar-se àquela linguagem nova do seu mestre, que insistia em libertar as pessoas dos seus medos para que pudessem confiar plenamente em Deus. Ouviam-no repetir, por toda a parte, aquilo que não era costume ouvir dos mestres da lei: "Não temais!" A todos desejava o mesmo: "Vai em paz!". Era novo tudo aquilo que despertava no coração dos discípulos e discípulas. Aquela paz contagiante, aquela pureza de coração sem inveja nem ambição alguma, aquela sua capacidade de perdão, aqueles seus gestos de misericórdia face a qualquer fraqueza, humilhação e pecado, aquela luta apaixonante pela justiça em prol dos mais fracos e maltratados, aquela sua esperança inquebrantável no Pai... Tudo isso ia suscitando neles uma fé nova: naquele homem estava Deus; no fundo daquela vida pressentiam a aproximação misteriosa do Deus amigo e salvador. Mais tarde, haveriam de falar da "Boa Notícia" de Deus.

(José Antonio Pagola – *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 296-300)

Oremos (...)

Dá-nos, ó Pai,
a capacidade dos santos que,
apesar das dificuldades da Fé
e da experiência da finitude e do sofrimento,
são capazes de fazer o Caminho que nos leva
a Ti e ao teu Reino
e que justifica todas as dores.
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!
Âmen!